



O PANTANAL ESTÁ SECANDO?

Por: Emiko Kawakami de Resende
Sérgio Galdino

Com o ciclo de grandes cheias encerrado, as atividades econômicas do Pantanal precisam de novos modelos de Gestão. O ciclo de grandes cheias no Pantanal, iniciado em 1974, se encerrou. Desde 1997-1998, as cheias têm sido pequenas, com altura máxima ao redor de 4,60 metros no rio Paraguai, em Ladário, onde a Marinha do Brasil tem registros desde 1900.

Este ano, 2001, a previsão é que não ultrapasse a máxima dos anos anteriores. Mas não sabemos e não há como prever para os próximos anos; tanto pode continuar no regime de cheias pequenas como voltar novamente as cheias grandes. As variações parecem estar relacionadas a fenômenos globais e regionais, como o El Niño e La Niña. O mesmo está acontecendo atualmente no Sul e Sudeste do Brasil, onde as chuvas estão sendo insuficientes para preencher os reservatórios das hidrelétricas, com possibilidades de racionamento de energia elétrica.

Como estão reagindo as atividades econômicas no Pantanal, considerando que este é o quarto ano consecutivo de cheias pequenas? Tomando por base eventos passados, pode-se prever um aumento da produção pecuária, principal atividade econômica do Pantanal, pelo uso de áreas anteriormente inundadas nos períodos de cheia, onde crescem os capins nativos de melhor qualidade para alimentação dos bovinos. É possível o aumento do rebanho bovino, dos atuais 3,9 milhões, para alguma coisa em torno de 5 milhões, caso hajam programas de incentivo adequados, considerando que, na atualidade, bois criados a pasto, principalmente em pastos nativos, terão preço de mercado e demandas altas - como bois orgânicos, ecológicos ou verdes, não importando o nome - devido as condições naturais de criação, muito mais saudáveis.

Se por um lado, a seca é favorável à produção pecuária, é desfavorável à produção pesqueira. Sabe-se que a produção de peixes em ambientes inundáveis como o Pantanal é dependente da altura e tempo de permanência da inundação. Cheias grandes e de longa duração significam maior produção pesqueira, pois são nos ambientes inundados durante a cheia, que os peixes adultos encontram alimento, para o seu crescimento e reposição dos gastos com a piracema e reprodução, e os peixes jovens encontram abrigo e alimento para sua sobrevivência e crescimento.

No entanto, os tempos também são outros. Nos anos de grandes cheias, principalmente a partir do início dos anos 90, houve um grande crescimento da pesca esportiva, sendo hoje uma atividade econômica tão importante quanto a pecuária, movimentando algo em torno de 88,5 milhões a 118 milhões por ano, com a vantagem de gerar muito mais empregos que a pecuária. Cidades como Corumbá, Miranda, Aquidauana, Coxim, Porto Murtinho e Cáceres dependem grandemente da pesca esportiva para a sua sobrevivência. O transporte aéreo para Corumbá se viabiliza graças a esta atividade.

Têm razão as autoridades e a comunidades dependentes da pesca em se preocuparem com a questão. Alternativas necessitam ser procuradas, pois o colapso ou redução da atividade provocará grandes transtornos econômicos e sociais. Até a pesca profissional também é dependente da pesca esportiva, pois uma boa parte dos pescadores profissionais vendem o seu produto para os pescadores esportivos, quando não trabalham como coletores de iscas vivas para esses mesmos pescadores esportivos poderem pescar os grandes peixes carnívoros como dourados, pintados e cacharas.

Quais alternativas poderão ser procuradas? O pesque e solte, já implantado em alguns rios de Mato Grosso do Sul, pode ser uma solução; a redução da cota de captura, uma outra. Mas tudo isso funcionará se os pescadores esportivos brasileiros estiverem preparados para enfrentarem esses tempos adversos e conscientes da necessidade de fazê-lo, em prol da manutenção do seu lazer e da manutenção de uma comunidade local necessitada da continuidade da atividade para a sua sobrevivência.

É um grande desafio para os pescadores esportivos brasileiros! Estarão eles preparados? Serão eles solidários e continuarão a vir pescar na região, mesmo que pesquem menos ou possam levar menos peixes? Apreciam eles realmente as belezas naturais da região e continuarão vindo? Estarão os empresários de pesca igualmente preparados para sobreviver nessas novas condições? E as autoridades, preparadas para esse novo modelo de gestão ambiental e econômica?

Emiko Kawakami de Resende (emiko@cpap.embrapa.br) é bióloga, doutora em Manejo de Recursos Pesqueiros. É Chefe Geral da Embrapa Pantanal e Sérgio Galdino (galdino@cpap.embrapa.br) é engenheiro agrônomo, mestre em Hidrologia da Embrapa Pantanal (<http://www.cpap.embrapa.br>).